


O LEGADO DA PANDEMIA PARA A EDUCAÇÃO DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL

 <https://doi.org/10.56238/rcsv14n6-005>

Data de submissão: 17/09/2024

Data de aprovação: 17/10/2024

Edmundo Vieira de Lacerda

Mestre em Ciências da Educação pela Absolute Christian University (ACU)

Especialista em Metodologia do Ensino pelo ISEC/FASP

Especialista em Direitos Humanos e Desenvolvimento pela FAFIC

Especialista em Psicanálise aplicada à Educação e Saúde pela ANCHIETA

Especialista em Gestão Pública pelo IFPB

Advogado Servidor do IFPB – Campus Cajazeiras

Professor da FASP – Cajazeiras/PE

Doutorando em Educação pela ACU

E-mail: edmundo@uol.com.br

RESUMO

A Pandemia do Coronavírus, ou COVID-19, parou o mundo, que teve que cumprir ordens ao distanciamento social e observância dos Protocolos de medidas sanitárias para a contenção do vírus. Com as escolas fechadas, o ensino precisou ser reinventado, por meio de estratégias que viabilizassem o cumprimento da carga horária e do conteúdo previsto no currículo escolar. Diante disso, adotou-se o ensino remoto como alternativa para manter um possível vínculo entre os estudantes e a escola, além de buscar manter os conteúdos pedagógicos em dia. Os professores, com intuito de continuar as suas atividades, precisaram modificar as suas formas de atuação profissional estendidas, agora, para fora do contexto da escola, trabalhando em sistema home office, trazendo para si um incremento da carga de trabalho para exercer suas funções que terminou por influenciar o seu cotidiano e a sua própria vivência pessoal. O objetivo geral deste artigo é discutir o legado que a pandemia do Covid-19 para a prática educacional do Ensino Médio público brasileiro. Sendo objetivos específicos: (i) apresentar alguns desafios enfrentados pela educação durante esta realidade; (ii) discutir o legado para a educação deixado pela pandemia; (iii) discutir o Ensino Médio brasileiro na pós-pandemia. Neste contexto foi realizada uma revisão bibliográfica qualitativa. Os professores tiveram de responder rápida e emergencialmente ao contexto gerado pela pandemia. Também se empenharam em aprender mais sobre ferramentas digitais para o engajamento dos alunos. É claro que todo esse esforço deixou um legado em termos de aprendizado e, principalmente, de fluência digital que beneficia qualquer contexto, seja online ou presencial.

Palavras-chave: Pandemia. Covid-19. Educação. Ensino Remoto. Ensino Médio.

1 INTRODUÇÃO

Num contexto mundial de economia globalizada, sob um sistema capitalista selvagem, e consumo exacerbado, os homens e as mulheres, em sua maioria, em uma correria frenética, de lutas pela sobrevivência e em meio à fortes situações de desigualdades, veio a Pandemia do Coronavírus, ou COVID-19, e o Mundo parou para cumprir ordens ao distanciamento social e observância dos Protocolos de medidas sanitárias para a contenção do vírus. Em 17 de outubro Brasil possui 153.675 óbitos por COVID-19 (CORONAVÍRUS BRASIL, 2020).

Com as escolas fechadas, o ensino precisou ser reinventado, por meio de estratégias que viabilizassem o cumprimento da carga horária e do conteúdo previsto no currículo escolar. Diante disso, adotou-se o ensino remoto como alternativa para manter um possível vínculo entre os estudantes e a escola, além de buscar manter os conteúdos pedagógicos em dia. Em um curto espaço de tempo, muitos professores precisaram aprender a utilizar ferramentas digitais sobre as quais nunca ouviram falar ou que não possuíam formação suficiente (Rondini et al., 2020).

Ao transferir as atividades para o ensino remoto, fechando-se o espaço físico da escola, os vínculos entre alunos e professores passaram a acontecer apenas no ambiente virtual. Assim, outros colaboradores e gestores da escola ficaram ausentes do cotidiano dos alunos e o papel da escola passou a ser centralizado unicamente nas mãos do professor, que, inevitavelmente, precisou assumir todas as responsabilidades. Os professores, com intuito de continuar as suas atividades, precisaram modificar as suas formas de atuação profissional estendidas, agora, para fora do contexto da escola, trabalhando em sistema home office, trazendo para si um incremento da carga de trabalho para exercer suas funções que terminou por influenciar o seu cotidiano e a sua própria vivência pessoal.

O objetivo geral deste artigo é discutir o legado que a pandemia do Covid-19 para a prática educacional do Ensino Médio público brasileiro. Sendo objetivos específicos: (i) discutir o uso de TICs na educação; (ii) apresentar alguns desafios enfrentados pela educação durante esta realidade; (iii) discutir o legado para a educação deixado pela pandemia no Ensino Médio brasileiro.

O conteúdo perquirido neste estudo justifica-se, pois é sabido ser a educação um direito fundamental, e que se faz necessário à sua efetivação diária, e que sofreu ainda maiores prejuízos com a pandemia do SARs-CoV-2, tendo em vista a conversão extremada para o ensino a distância que dificultou o acesso dos estudantes ao conteúdo ministrado nas escolas, promovendo nítido retrocesso ao ensino, situação que certamente persistirá por médio e longo prazo.

2 METODOLOGIA

Neste contexto foi realizada uma revisão bibliográfica. Gil (2002, pg. 17), que define pesquisa como sendo "o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos

problemas que são propostos". Revisar a literatura é atividade essencial no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e científicos. A fim de definir esta produção acadêmica, está é uma revisão qualitativa (Galvão; Ricarte, 2019).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Há muito se discute no Brasil o quanto a educação é, de fato, um direito. Anísio Teixeira trouxe tal questionamento no fim dos anos 1950: “educação não é privilégio”, afirmou o autor ao defender a educação como um direito, lutando pela universalização da escola pública gratuita e de qualidade no Brasil (Teixeira, 1995). Nas duas últimas décadas do século XX, com a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, a educação no país passou a ser formalmente garantida como “direito de todos e dever do Estado e da família” (Brasil, 1988).

No entanto, inúmeras pesquisas ano a ano constataam as enormes desigualdades educacionais que assolam o país tanto no ensino básico como no ensino superior (Macedo, 2019). Apesar de alguns avanços recentes na democratização das instituições educacionais, ainda temos um sistema de ensino desigualmente marcado por critérios de raça, classe e gênero entre estudantes, além das diferenças regionais brasileiras.

Se tais desafios não são novos, com a eclosão da pandemia de coronavírus em 2020 e o consequente fechamento das escolas, tais mecanismos de criação e reprodução de desigualdades se mostraram ainda mais atuantes. Diversos operadores de diferenciação social se acentuaram, aumentando as distâncias educacionais entre escolas públicas e privadas, ricos e pobres, “herdeiros” e “não herdeiros” (Bourdieu, 2015). Para além das desigualdades educacionais e sociais, somaram-se desigualdades digitais.

A educação online, incluindo ensino e aprendizagem online, tem vindo a ser estudada há décadas. Muitos estudos de investigação, teorias, modelos, padrões e critérios de avaliação estão centrados na aprendizagem online de qualidade, no ensino online e no design do curso online. O que sabemos é que uma aprendizagem online eficaz resulta de um design e planeamento instrucionais cuidadosos, usando um modelo sistemático de design e desenvolvimento.

O processo de design e a consideração cuidadosa de diferentes critérios têm impacto na qualidade da instrução. De acordo com Means et al. (2014), o ensino online tem nove dimensões a que é necessário atender: modalidade, ritmo, proporção aluno-professor, pedagogia, papel do professor online, papel do aluno online, sincronia da comunicação online, papel das avaliações online e fonte de feedback. E é, em muitas situações, esse processo de design cuidadoso que está ausente quando da mudança para um Ensino Remoto de Emergência.

Ao analisar trabalhos publicados durante esse período é possível pontuar alguns desafios. Segundo Martins et al. (2020), após a realização de um mapeamento com professores brasileiros e portugueses sobre os conceitos de tecnologia e sua utilização durante a pandemia, foi possível concluir que a maioria dos professores nunca estudou disciplinas ligadas a tecnologias, nem as utilizam em seu trabalho diário. Segundo Durão e Raposo (2020) este período foi marcado por um movimento de utilização de metodologias mais ativas de ensino e aprendizagem.

Santos e Zaboroski (2020), analisaram diversos problemas, como a falta de recursos nas escolas, a necessidade de preparação dos alunos e a desigualdade no acesso à Internet. Por outro lado, são apontadas oportunidades didáticas, como o uso de novas ferramentas, novos papéis dos docentes e o reconhecimento da importância da psicopedagogia nas escolas.

No artigo “Os impactos do isolamento social no processo de ensino e aprendizagem e nos resultados das avaliações externas”, de Batista e Vidal (2020), foram identificados problemas, como dificuldades de acesso à Internet por parte dos alunos e falta de habilidade dos professores para trabalharem com as tecnologias digitais, sendo então adotadas ações de redirecionamento do trabalho pedagógico na escola.

De acordo com França Filho, Antunes e Couto (2020, p. 23):

(...) a crise da pandemia de covid-19 se torna uma janela de oportunidades para uso da tecnologia na educação neste âmbito de parceria público-privada, considerando a maleabilidade do Sistema Nacional de Educação aos interesses e ações desses novos sujeitos da educação pública brasileira.

Diante do cenário provocado pela pandemia, houve a necessidade de adaptação e improvisação das instituições de ensino e dos professores, e assim foi inserido o ensino remoto. O ensino remoto se diferencia da educação a distância pois é uma forma de ensino temporária, emergencial e acessível, que objetiva dar continuidade às aulas diminuindo os prejuízos na aprendizagem dos alunos por meios de plataformas de ensino.

3.1 O USO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL DO PANDÊMICO E PÓS-PANDÊMICO

A evolução das TICs nas últimas décadas tem contribuído decisivamente para a transformação das relações sociais, do mundo do trabalho e da educação. A sociedade contemporânea se organiza em redes cada vez mais densas e ramificadas, o comércio e a economia se reconfiguram no momento em que o capitalismo cede espaço para o informacionalismo, no qual as transações financeiras mundiais se tornam instantâneas (Castells, 2019).

À medida que cresce a sua importância na mediação das relações humanas, ampliam-se as possibilidades de exclusão daqueles que não as possuem, de modo que sua utilização deixa de ser uma opção e assume um caráter imperativo. “Dos smartphones, que prometem mais liberdade, parte uma coação fatal, a saber, uma coação de comunicação. Com isso se tem uma relação quase obsessiva, compulsória com o aparato digital” (Han, 2018, p.65).

No campo educacional, em que pese a demanda por tecnologias possa ter sido impulsionada a partir da pandemia, seu surgimento se deu já na década de 1990 com o advento da popularização dos computadores pessoais e da internet e, posteriormente, dos smartphones e de toda miríade de programas de softwares disponibilizados pelo mercado.

Ao analisar o fenômeno da ampliação do uso das TICs na Educação durante a crise sanitária, buscou-se chamar a atenção para a necessidade de adoção de uma postura crítica que possibilite a sua objetificação enquanto produto da atividade cultural e do trabalho humano: “o que me parece fundamental para nós, hoje, mecânicos ou físicos, pedagogos ou pedreiros, marceneiros ou biólogos é a assunção de uma posição crítica, vigilante, indagadora, em face da tecnologia. Nem, de um lado, demonologizá-la, nem, de outro, divinizá-la” (Freire, 1998, p. 133).

Os discursos acerca das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na educação refletem concepções da tecnologia geralmente posicionadas em um de dois extremos identificados por Rüdiger (2011): por um lado, visões ditas prometeicas, exageradamente otimistas, que elevam a tecnologia ao status de caminho para a redenção do humano; por outro, visões fáusticas, que nos alertam sobre os perigos da desumanização por ela causada. Assim, na literatura da área das TIC na educação, opõem-se discursos prescritivos, fundamentados em uma espécie de fascínio pelas possibilidades da tecnologia, e discursos denunciatórios da precarização da educação e da desvalorização, em particular, do trabalho docente.

As tecnologias digitais têm ajudado a expandir as possibilidades de acesso ao conhecimento (Kenski, 2015). No entanto, como alerta Demo (2010), para que o aprendizado aconteça não basta que os recursos tecnológicos estejam acessíveis. É nesse ponto que se destaca a complexidade da relação entre a tecnologia e a educação. Com base em Moran (1995), destaca-se o papel que o professor exerce nesse processo:

(...) se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante. Num segundo momento, coordena o processo de apresentação dos resultados pelos alunos. Depois, questiona alguns dos dados apresentados, contextualiza os resultados, os adapta à realidade dos alunos, questiona os dados apresentados. Transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria - o conhecimento com ética (Moran, 1995, p. 1).

Moreira et al. (2020), afirma que, em determinados casos, as tecnologias vêm sendo utilizadas a partir de uma visão instrumental, reduzindo, dessa forma, as metodologias e práticas a um viés meramente transmissivo. Evidentemente, adentrar em ambientes online de forma tão rápida não foi tarefa fácil para os professores de diferentes instituições e níveis de ensino. Porém, diante do novo contexto, muitos deles se limitaram apenas a adaptar estratégias que vinham sendo utilizadas no ambiente presencial. No dizer de Borges et al. (2021), procuraram adaptar velhas práticas revestidas de modernas tecnologias. Portanto, segundo o autor, é indispensável que esses professores utilizem de forma mais satisfatória as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC).

Sobre os processos de aprendizagem e como os discentes aprendem na era da informação Ferreira Júnior e Santos (2022) afirmam que:

Os aprendizes dessa geração cercados por tecnologias podem não se adaptar com os modelos antigos de aprendizagem, que possuem um modelo em que o professor está no centro da aprendizagem, que ainda utiliza repetições e memorizações nas avaliações. As metodologias ativas são modelos inovadores que podem potencializar as experiências que os educandos têm com as tecnologias que eles utilizam (Ferreira Júnior & Santos, 2022, p. 8).

As tecnologias que emergem da cultura digital resinnificam nossas relações nos mais variados meios e nos impõem uma clara necessidade de reflexão sobre as mudanças perpetradas pelo uso de tecnologias na sociedade atual. Neste sentido, é de suma importância a discussão sobre práticas pedagógicas que utilizem tecnologias no processo ensino-aprendizagem, dentro ou fora do espaço escolar, visando desenvolver no estudante competências e habilidades que o tornem protagonista de seu aprendizado (Vidal; Miguel, 2020).

Na conjuntura atual, as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), em especial as difundidas a partir da Web 2.0, se estabelecem como ferramentas fundamentais à educação, pois permitem às pessoas tanto aprender umas com as outras, quanto aprender a partir de uma perspectiva na qual elas próprias sejam os coautores do processo educativo em uma metodologia conhecida como aprendizagem colaborativa (Torres; Amaral, 2011).

3.2 OS REFLEXOS DA PANDEMIA NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO

Os autores Médici et al. (2020), buscaram descrever as percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus. Segundo os mesmos:

Ao pesquisar as duas redes de ensino, foi possível perceber que a escola ainda é destacada como o ambiente propício à educação; que a figura do professor pode ser auxiliada pela tecnologia, mas de acordo com os estudantes, não substituída, visto que as telas não educam e apenas transmitem informações. Não se trata aqui de ser contra o uso de tecnologias no espaço escolar, e sim de inseri-las de forma consciente para que nos auxiliem na melhoria da qualidade do ensino (Médici et al., 2020, p.152).

Por sua vez, Jesus Café e Seluchinesk (2020), buscaram a motivação dos alunos de 3º ano do ensino médio para prosseguirem seu estudo frente as dificuldades da pandemia Covid-19. Com base no estudo e ao término das análises, e contexto bibliográfico, verificou-se que o acolhimento das políticas públicas, de distanciamento e sanitárias sendo de extrema importância para qualquer estudante, proporcionando sua segurança e a de todos que estão a sua volta. Isso vale também para todos os profissionais da educação e a sociedade no geral, pois ao atribuir o trabalho remoto, mesmo frente a discussões de desigualdade e abrangência, é uma forma de assegurar, mesmo que mínima, que o jovem e adolescente busque o conhecimento e se ocupe em se formar como indivíduo detentor do conhecimento, até que retorne as atividades normais.

Souza et al. (2020) afirma que ficou evidente que mediante este contexto, o professor precisa acompanhar essas mudanças a partir de uma nova postura de simples usuário ou de reprodutor desses recursos tecnológicos para curador de informações, e assim experimentar outras formas de trabalhar conteúdos e habilidades com os alunos, para tanto, se faz necessário uma formação continuada para garantir a efetividade e sustentabilidade de um ensino remoto de qualidade.

Sabemos que o mundo está se reconfigurando e no cenário educacional, haverá mudanças expressivas as quais farão parte da realidade das instituições de ensino. Como vimos anteriormente com essas transformações vieram os desafios, entretanto, podemos perceber o que haverá de novo para a sociedade, no âmbito da educação.

Em face a esses aspectos a aprendizagem remota tem elementos positivos os quais podem apressar o modelo híbrido de educação, por agrupar o uso da inteligência artificial à presença do educador em sala de aula. Em contrapartida, o modelo pode aumentar de maneira drástica o abismo educacional entre abastados e pobres.

Para Costin (2020, p.1): “Se a gente não fizesse nada, os riscos de aumentar a desigualdade educacional seriam tremendos. Com a atuação dos gestores educacionais, nós temos grandes chances de diminuir um pouco o dano causado, mas a gente não pode ter ilusões”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos afirmar que o legado na pós pandemia, passa pelas ferramentas digitais as quais permitem a utilização das tecnologias com o objetivo de promover a comunicação e o acesso à informação, por meio de dispositivos eletrônicos, como computadores, tablets e smartphones, que haverá por muito tempo a participação do professor como mediador nesse processo de ensino e aprendizagem por meio das novas tecnologias da informação e da comunicação, para Libâneo (1994, p.16) “O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social.” A educação, ou seja, a prática educativa, é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana indispensável à existência e funcionamento de todas as sociedades.

Diversos autores defendem que esse cenário poderá acelerar o modelo educacional, ou seja, o processo de ensino e aprendizagem deverá continuar de forma híbrida, onde se tem o melhor do ensino tradicional com o melhor do ensino remoto. Vimos que diante desse cenário, alguns estudiosos destacaram questões sobre a valorização do professor como mediador do processo de ensino aprendizagem, uma vez que, mesmo com a utilização das diversas ferramentas das tecnologias da informação e da comunicação, se faz necessário a presença desse profissional como mediador do ensino.

Os professores tiveram de responder rápida e emergencialmente ao contexto gerado pela pandemia. Também se empenharam em aprender mais sobre ferramentas digitais para o engajamento dos alunos. É claro que todo esse esforço deixou um legado em termos de aprendizado e, principalmente, de fluência digital que beneficia qualquer contexto, seja online ou presencial. Inúmeras ações que tiveram origem ou ganharam destaque no ensino remoto estão sendo hoje consolidadas, e é impossível pensar a sala de aula sem esses recursos. De fato, a sala de aula pós-pandêmica não volta ao mesmo formato de antes.

REFERÊNCIAS

- ANGELUCI, Alan César Belo; CACAVALLLO, Marcello. Ensino híbrido, tecnologias e a nova ecologia cognitiva: uma revisão de literatura. On-line, 2020. volume 24, número 2, p. 229-246, maio – agosto 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319641690_Ensino_hibrido_tecnologias_e_a_nova_ecologia_cognitiva_uma_revisao_de_literatura. Acesso em: 19/03/2024.
- BORGES, Ana Cláudia Lins *et al.* Ensino remoto emergencial e o uso das TDIC por docentes da rede de ensino médio integrado federal. In: Anais do VI Congresso sobre Tecnologias na Educação. SBC, 2021. p. 206-214.
- BOURDIEU, P. Escritos de Educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil 1988.
- CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 20.ed. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 2019. 630 p.
- COSTIN, Cláudia. Os desafios da educação pós pandemia. On-line, 2020. Disponível em: <https://www.unifor.br/-/os-desafios-da-educacao-pos-pandemia- segundo-claudia-costin>. Acesso em: 19/03/2024.
- DANY, Danielly Monteiro de Moraes Batista; VIDAL, Odaléa Feitosa. Os impactos do isolamento social no processo de ensino e aprendizagem e nos resultados das avaliações externas. Revista Interações, v. 16, n. 55, p. 83-102, 2020.
- DURÃO, Anabela; RAPOSO, Albertina. Desafios do ensino Remoto de Emergência: da Prática à Teoria. Revista Interações, v. 16, n. 55, p. 28-40, 2020.
- FREIRE, P. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 133.
- GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. Logeion: Filosofia da informação, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.
- GIL, Antonio Carlos et al. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.
- HAN, B.-C. No enxame: Perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018. 136 p.
- JESUS CAFÉ, Laércio; SELUCHINESK, Rosane Duarte Rosa. Motivação dos alunos de 3º ano do ensino médio para prosseguirem seus estudo frente as dificuldades da pandemia Covid-19. Humanidades & Inovação, v. 7, n. 16, p. 198-212, 2020.
- JÚNIOR, Luiz Carlos Reis Ferreira; DOS SANTOS, Marcio Antonio Raiol. Plano Nacional de Educação e a questão da Inovação nas práticas pedagógicas. Research, Society and Development, v. 11, n. 9, p. e4311931393-e4311931393, 2022.
- KENSKI, Vani Moreira. A urgência de propostas inovadoras para a formação de professores para todos os níveis de ensino. Revista Diálogo Educacional, v. 15, n. 45, p. 423-441, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MACEDO, R. M. Escolhas possíveis: narrativas de classe e gênero no ensino superior privado. Tese (doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MARTINS, Sandra Cristina Batista et al. As Tecnologias na Educação em Tempos de Pandemia: Uma Discussão (Im) pertinente. Revista Interações, v. 16, n. 55, p. 6-27, 2020.

MÉDICI, Mônica Strege; TATTO, Everson Rodrigo; LEÃO, Marcelo Franco. Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus. Revista Thema, v. 18, p. 136-155, 2020.

MORÁN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. Comunicação & Educação, n. 2, p. 27-35, 1995.

MOREIRA, J. António; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela Melaré Vieira. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. Dialogia, p. 351-364, 2020.

PORTA CONORAVIRUS BRASIL: COVID19: PainelCoronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 19/03/2024.

RONDINI, Carina Alexandra et al. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. Interfaces Científicas-Educação, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020.

RÜDIGER, Francisco. As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTOS, Jamilly Rosa; ZABOROSKI, Elisângela. Ensino Remoto e Pandemia de CoViD-19: Desafios e oportunidades de alunos e professores. Revista Interações, v. 16, n. 55, p. 41-57, 2020.

SOUZA, Mércia Ferreira; FERRÃO, Nazaré da Silva Dias; CHERMONT, Nelceia Margareth da Silva Figueiredo. Os desafios dos professores do Ensino Médio no Ensino Remoto em tempos de pandemia. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo, v. 3, n. 1, p. e316366-e316366, 2021.

TEIXEIRA, A. Educação não é privilégio Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

TORRES, Tércia Zavaglia; AMARA, Sérgio Ferreira do. Aprendizagem Colaborativa e Web 2.0: proposta de modelo de organização de conteúdos interativos. ETD Educação Temática Digital, v. 12, n. 03, p. 49-72, 2011.

VALENTE, Jonas. Covid-19: veja como cada estado determina o distanciamento social - Decretos dos executivos definem as formas de isolamento. Agência Brasil. On-line, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/covid-19-veja-como-cada-estado-determina-odistanciamento-social>>. Acesso em: 19/03/2024.

VIDAL, Altamar Santos; MIGUEL, Joelson Rodrigues. As tecnologias digitais na educação contemporânea/digital technologies in contemporary education. ID on line. Revista de psicologia, v. 14, n. 50, p. 366-379, 2020.